

## (RE) EXISTÊNCIAS DISSIDENTES, UMA LUTA INTERSECCIONAL PELA VIDA AQUILOMBADA.

Maria Luisa Jimenez Jimenez  
*Professora doutora do PPG Comunicação- UEL, PUC Minas*  
E-mail: malujjimenez@gmail.com

Larissa de Menezes Alvanhan  
*Estudante de doutorado do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade na Universidade Federal da Bahia*  
E-mail: larialvanhan@gmail.com

Caroline Silva Marcelino  
*Estudante de mestrado do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina*  
E-mail: caamarcelino1994@gmail.com

### Introdução

Este estudo interdisciplinar propõe reflexões urgentes e tensionamentos através de uma metodologia por meio da revisão bibliográfica, de forma dialética e observativa sobre os espaços ocupados por corpos<sup>1</sup> dissidentes e a violência que os separa e aproxima. Busca-se entender a organização necessária para criar espaços seguros e de resistência, onde esses corpos possam se encontrar e produzir coletivamente. Nossa pesquisa traz reflexões sobre a produção artística, intelectual e de vivências feita por e para corpos marginalizados através do conceito aqui desenvolvido como “aquilombar-se dissidente”, uma forma de encontro físico e/ou virtual desses indivíduos dissidentes, e a perpetuação das produções destes como ferramentas de modificações sociais. Além disso, buscamos entender como a violência se transforma em um dos principais instrumentos de encontro para o afeto e a cura com o objetivo de evidenciar os muitos caminhos que essas (re)existências percorrem por meio da atualização do quilombo no espaço contemporâneo, a fim de se encontrarem nesta zona ativa de produção de saberes e vivências.

### Fundamentação teórica

A partir de uma epistemologia majoritariamente decolonial e contracolonial, utilizaremos a neolinguagem ou linguagem neutra buscando desenvolver uma pesquisa em revisão bibliográfica, de forma dialética e observativa sobre as visões acerca dos corpos dissidentes interseccionais em raça, gênero e sexualidade que se fazem (re)existências em lutas coletivas no aquilombar-se contra as violências coloniais. Recorremos aos pensamentos dos corpos orgânicos propostos pelo Mestre Negô Bispo (2023), enquanto corpos ancestrais com a cosmovisão afroameríndia brasileira e a utopia de um fim de raças proposto pela artista e pesquisadora Castiel Vitorino Brasileiro (2022).

Inspirades pelo conceito de aquilombar-se de Beatriz Nascimento (2021), o estudo traça paralelos entre quilombos rurais da *plantation* e formas contemporâneas de resistência. A pesquisa destaca a importância da produção artística, intelectual e política feita por e para corpos dissidentes como ferramenta de transformação social e aborda a interseccionalidade apontada por Carla Akotirene (2018) para analisar as múltiplas violências enfrentadas por essas dissidências.

Seguimos aqui pelos passos, caminhos e lutas já traçadas pela ativista Erica Malunguinho (2023), com a criação do quilombo urbano Aparelha Luzia, e da pesquisadora e ativista Maria Luisa Jimenez Jimenez (2022) nos aquilombamentos virtuais e físicos envolta

---

<sup>1</sup> Nesse texto utilizamos a palavra “corpes” e não “corpos” enquanto um conceito da neolinguagem ou linguagem neutra e como posicionamento político contrário ao Sistema Cis Hetero Patriarcal.

da pesquisa acadêmica e artística sobre as corpos gordas. Por fim, fazemos paralelos epistemológicos com o trabalho desenvolvido pelo pesquisador Jack Halberstam (2020), a fim de friccionarmos as teorias de gênero em prol do aquilombamento de corpos dissidentes.

### Desenvolvimento do tema

Refletir e produzir ciência de forma interdisciplinar em uma sociedade brasileira contemporânea, no que tange os corpos dissidentes em interseccionalidade de gênero, sexualidade e raça, é pensar em uma conjuntura social em conflitos permeados por violências epistemológicas e físicas em busca por direitos humanos, sendo o (re)existir uma das reivindicações primordiais.

Partindo do pressuposto das violências coloniais advindas de um pensamento humanista moderno e capitalista a partir do século XVI, podemos dizer que as quatro formas de genocídios propostos por Ramón Grosfoguel (2016)<sup>2</sup> produziu, e ainda podemos dizer que infelizmente perpetua em terras brasileiras, na forma de uma cultura da violência.

Neste estudo buscamos propor reflexões sobre o lugar onde o corpe ocupa, e quais são os espaços que os corpos ditos dissidentes podem existir? Qual violência nos separa e nos aproxima, e ainda como encontrar um espaço de (re) existência que acolha esses corpos? De onde vem essa exclusão? E mais importante, como se dá a organização para que esses corpos se encontrem e construam juntos um espaço de segurança e possibilidade de vida? Como o corpe como comunicador pode evidenciar criações coletivas de pertencimento através de atravessamentos em comum?

Somado a estas questões principais buscamos evidenciar o ato da reunião desses corpos que se conectam por meio de suas experiências e possibilitam a criação de uma zona de conforto que permite a produção do pensar dissidente. Este encontro que não necessariamente se dá em vias físicas mas que converge com a ideia de aquilombar-se de Beatriz Nascimento que propoe traçar uma continuidade histórica entre os quilombos, como expressão de resistência organizada dos negros durante os séculos de *plantation*, e suas formas contemporâneas de resistência. (Nascimento, 2021, p. 104)

Mesmo sobre a barbárie imposta às vidas dissidentes interseccionais, formas de (re)existir estão sendo praticadas cotidianamente em diversos formatos e vivências sociais. Para a epistemologia afroameríndia ancestral proposta por Negô Bispo (2023), percebemos que um caminho de luta contracolonial pela sobrevivências seria também por meio de “semear as palavras”, a fim de contracolonizar a própria língua portuguesa brasileira através de um cosmologia em conexão com o universo além da simples figura humana, mas sim, em contato com o todo, de forma orgânica e integrada com o cosmos. A partir dessa semeadura de palavras, se enfraquece o próprio sistema de violência colonial capitalista, que se dá, inclusive, pelo domínio e epistemicídio produzido pela própria língua portuguesa brasileira.

A partir daí, seguimos na prática das denominações dos modos e das falas, para contrariar o colonialismo. É o que chamamos de *guerra das denominações*: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las. (Bispo, 202, p.13).

Também em contato com o cosmos integrado, seguindo o pensamento afroameríndio, a artista Castiel Vitorino Brasileiro, nos apresenta em suas obras artísticas e no livro “Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude” uma disputa contracolonial por formas de (re)existências, vivenciando a própria violência colonial do conceito de raça produzida pelo eurocentrismo do século XVI até os dias atuais.

Se quebrarmos a aliança com a racialidade *negra*, a nossa escuridão transformar-se-á em que, se não em tudo aqui que nem sequer

---

<sup>2</sup> para aprofundamento no pensamento de Ramón Grosfoguel sobre os quatro genocídios e epistemicídios a partir do eurocentrismo do século XVI, acessar o artigo “A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI”.

podemos imaginar? Tornamo-nos imensuráveis. O acaso. Tornamo-nos livres. (Brasileiro, 2022, p.27).

Pensar em uma sociedade livre de raças, como propõe Brasileiro, pode muitas vezes ser compreendido como um conceito utópico, porém concebemos como necessário nesse processo de fabulação de uma sociedade de direitos garantidos e sem as violências coloniais impostas sobretudo em corpos dissidentes e em interseccionalidade de raça, gênero e sexualidade. Nesse processo de (re)existências possíveis e imaginadas, sobretudo em coletividade, a artista e política Erica Malunguinho funda no bairro da Barra Funda, São Paulo, em 2016, o quilombo urbano Aparelha Luzia. Esse espaço cultural afrodiáspórico configurando-se enquanto um ambiente de resistência, cura, luta, política e arte negra, sendo um território de afeto e produção de sentidos e (re)existências com a influência social e histórica da luta advinda dos quilombos desde o sistema da *plantation*. “O que as pessoas podem e querem fazer quando não precisam pensar em racismo? Dá um alívio só de pensar!” (Erica Malunguinho, 2023, <https://www.youtube.com/watch?v=nzTB0btmUKk>). Aparelha Luzia, enquanto ambiente de (re)encontro em coletividade, é o próprio estado de arte produzida e frequentada majoritariamente por pessoas negras. O espaço recebe exposições em artes visuais, performances art, teatro, dança, lançamentos de livros, música, além de festas, debates e comida. O nome “Aparelha” advém dos espaços de resistência dos “aparelhos” nas lutas sociais contra o regime da Ditadura Empresarial Militar brasileira. “Luzia” se dá em homenagem ao primeiro fóssil humano encontrado em solo brasileiro em Minas Gerais.

Ainda sobre espaços de encontro dentro da coletividade dissidente temos o Grupo Estudos Transdisciplinares das Corporalidades Gordas no Brasil, ou “Pesquisa Gorda”, grupo idealizado pela Professora Dra Maria Luisa Jimenez Jimenez (Malu Jimenez) fundado em 2017 e que promove pesquisas sobre o corpo gordo com o objetivo de consolidar esta área do estudo dentro do país. Além disso, criou-se, mediante esta configuração de espaço, um ambiente seguro de conversação que funciona através de uma dinâmica de acolhimento que escuta e discute ideias propostas por participantes do grupo acerca deste universo. Em suma podemos notar o aquilombar-se dissidente acontecendo virtualmente e evidenciando grupos marginalizados sob uma perspectiva endógena que se acerca.

A autora Malu Jimenez também adentra sobre tais discussões em seu livro “Lute como uma gorda” e transcreve muitas das opressões proferidas pelo o que vamos chamar de “matriz de opressão.” (Akotirene, 2018) evidencia as violências vividas pelo corpo gorda fazendo jus às discussões de interseccionalidades que propomos nesta pesquisa. Através da autoetnografia ela consegue exemplificar situações de constrangimento e violência vivenciados pelo corpo de várias mulheres gordas que se encontram na dissidência. Sobre isso ela conclui “O universo gordo feminino, nos faz refletir sobre a ato de consumir, que comunica pertencimentos, vínculos, distanciamentos e subjetividades”. (Jimenez-Jimenez, 2022, p. 65).

Neste trecho a autora salienta como o conjunto da instrumentação de controle funciona e se dá a partir do pertencimento, consumo, comunidade, comunicação também são violências que atingem a dissidência através da exclusão desses corpos a locais públicos sociais. E dispara a ideia de que as instituições de controle evidenciados por Foucault (1998) são exemplos de como é possível assemelhar tais vivências. O contraponto aqui é então reformular os afetos consequentes dessa violência a fim de produzir novas perspectivas sociais.

Explorando sobre o conceito de matriz de opressão e seguindo o embasamento teórico desta pesquisa é de suma importância evidenciar os processos desenvolvidos a partir da sobreposição dos fatores sociais que definem a interação com a sociedade e o acesso a direitos das pessoas pertencentes aos grupos dissidentes. Assim, trazemos Carla Akotirene utilizando-se de bases os estudos Kimberlé Crenshaw ambas falando sobre a interseccionalidade a partir da mulher negra.

A conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da

subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, as opressões de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. Akotirene (2018, apud CRENSHAW, 2002 p. 75).

Sendo assim, a definição de uma zona de convergência de criação e expansão de corpos marginais, como sugere o aquilombar-se dissidente, entram em combate com este acúmulo de violência advinda desta “matriz de opressão” definida assim pela autora para falar sobre o conjunto de instituições, físicas ou não, de controle e opressão advinda do colonialismo, hetero cisnormatividade estrutural e racismo. De certa forma a existência do primeiro depende do segundo, pois nesta pesquisa buscamos compreender como mesmo a partir de forte repressão e exclusão, a dissidência busca resistência e sobrevivência social através dos encontros. A interseccionalidade é peça fundamental que segundo Akotirene possibilita a produção de novas formas de viver que se dá a partir da definição da tirania da matriz de opressão, desinteressada nas diferenças identitárias e focadas nas desigualdades impostas por esse sistema.

O aquilombar-se dissidente como buscamos definir, surge a partir da interação cosmológica entre os corpos dissidentes. A comunicação entre eles acontece por meio de vivências e são evidenciadas pela repressão e controle do estado, e podemos definir esta evidência como semelhança entre esses corpos. A partir de estudos sobre gênero encontramos em “A arte queer do fracasso” de Jack Halberstam indícios desse encontro.

É possível então imaginarmos que tais corpos fomentados pela resistência em sobreviver, somados a extrema exclusão do conceito de “matriz de opressão” de Akotirene (2018), sejam importantes catalisadores de ação que propiciam a criação psíquica espiritual, atemporal, cósmica e dependente de uma “Produção autônoma e não centralizada, ou em outras palavras uma produção teórica que não precisa de autorização de algum regime comum para estabelecer sua validade.”(Halberstam, 2020, p. 32).

Evidenciamos o encontro dessas dissidências em uma zona autônoma estruturada para o criar, refletir, produzir, (re)existir, viver e tornar-se algo que para as leis sociais atuais é o que podemos chamar de sujeito. Longe de nos tornarmos apenas sujeito ou simples peça da engrenagem do sistema colonial. Nesse sentido somos o entrave, a resistência que queima, o parafuso que enferruja e requer que a criatividade e o surgimento de novas práticas sociais existam para que o mecanismo possa ser reformulado/reinventado.

## **Conclusões**

Nessa pesquisa interdisciplinar notamos a extrema importância da criação de zonas de (re)encontros de afetos, vivências e curas das violências impostas até os dias atuais por essa sociedade colonial violenta. Esses locais de pertencimento, encontro e vivências em coletividade desses corpos dissidentes de gênero, raça e sexualidade configuram-se em uma atualização contemporânea dos quilombos rurais do período da *plantation*. Notamos a extrema importância do aquilombar-se enquanto forma de (re)existirmos enquanto indivíduos e coletivos dissidentes interseccionais. Várias são as formas observadas desses agrupamentos, no entanto, se faz presente uma crescente busca por um pertencimento de aterramento ancestral, reconhecendo esses corpos dissidentes de raça, gênero e sexualidade interseccionais que vieram antes de nós e se fazem presentes hoje em nossa luta contra as violências do sistema colonial a fim de produzirmos uma rede de (re)existências coletivas, afinal, como nos sugere os pensamentos afroameríndios, não há começo, meio e fim, mas sim um tempo ancestral espiralar não linear de vivências cosmológicas.

**Referências bibliográficas**

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade, Feminismos Plurais**. São Paulo: Pólen, 2018.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude**. São Paulo: n-4 edições; editora Hedra, 2022.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife: Cepe, 2020.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luiza. **Lute como uma gorda**. São Paulo: Jandaíra, 2022.

RATTS, Alex (org.). **Beatriz Nascimento. Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Rio de Janeiro: Schwarcz S.A, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.